

A profissão de bombeiro militar: sofrimento e prazer, riscos e proteção

The military firefighter profession: Suffering and pleasure, risks and protection

Karine Trarbach de Oliveira Breda, Thiago Drumond Moraes

Resumo

Pesquisas indicam que há adoecimento entre bombeiros militares brasileiros. As características das atividades exercidas surgem como fator de adoecimento em alguns estudos, e o contexto de trabalho também tem se mostrado como fator fundamental na dinâmica sujeito-trabalho-saúde. Contudo, poucos trabalhos se propõem a investigar a apreensão do bombeiro militar sobre o que lhe adoee. Esta pesquisa visou apreender a percepção dos bombeiros militares capixabas acerca das relações entre sua saúde e seu trabalho e, vislumbrar estratégias utilizadas por eles para lidar com os constrangimentos e especificidades da profissão. Para isso, aplicou-se uma entrevista semiestruturada, com posterior análise estatística e lexicográfica do conteúdo. Verificou-se que os bombeiros militares capixabas apreciam sua atividade, embora reconheçam as adversidades do contexto de trabalho. O reconhecimento da população e a consonância da missão militar com valores pessoais aparecem como estratégias para evitar o adoecimento.

Palavras-chave

Saúde do trabalhador, psicodinâmica do trabalho, bombeiro militar.

Abstract

Research studies indicate there is illness among Brazilian military firefighters. The characteristics of the activities performed appear as a factor of illness in some studies and the work context has also been shown to be a fundamental factor in the subject-work-health dynamics. However, few studies propose to investigate the apprehension of the military firefighter about his illness. This research aimed to apprehend the perception of the capixabas military firefighters about the relations between their health and their work and to glimpse strategies used by them to deal with the constraints and specificities of the profession. For this, a semi-structured interview was applied, with subsequent statistical and lexicographic analysis of its content. Capixabas military firefighters have been found to appreciate their activity, although they recognize the adversities of work context. The recognition of the population and the consonance of military mission with personal values appear as strategies to prevent illness.

Keywords

Occupational health, work psychodynamics, military firefighter.

Karine Trarbach de Oliveira Breda
Universidade Federal do Espírito Santo

Mestre em Psicologia, no Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

ktoliveira@gmail.com

Thiago Drumond Moraes

Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor em Psicologia Social pela UERJ. Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento/PPGP/UFES.

tdrumond@gmail.com

Introdução

O bombeiro militar lida com atividades de urgência e emergência de níveis de complexidade variados, com as defasagens da máquina pública, em meio ao imaginário e reconhecimento popular. Salvador, Silva e Lisboa (2013) constataram que a equipe de bombeiros que lida com atendimento pré-hospitalar é submetida a constante estresse, tendo, inclusive, seus hábitos de vida alterados, com repercussão na saúde. Mata, Pires e Bonfatti (2017) abordaram aspectos relacionados às condições de trabalho e o reflexo na saúde de bombeiros militares cariocas. Esse estudo sugere que a categoria profissional pesquisada possuía condições de trabalho com problemas estruturais, ambientais e de ordem socioeconômica, o que poderia produzir efeitos negativos na vida dos trabalhadores como um todo. A profissão de bombeiro militar suscita o trabalhador lidar com um aspecto diferenciado da população em geral: a carreira militar, que traz especificidades que vão desde o ingresso, passando pela acessibilidade na comunicação, o desempenho das funções, a organização do trabalho até a reserva remunerada. De um universo de atividades com vários graus de complexidade, associadas a um contexto de especificidades em relação à maioria da população, resulta uma combinação incomum, na qual a saúde mental desse trabalhador fica exposta a vários fatores que podem desencadear adoecimento. Ainda que pesquisadores investiguem sobre os efeitos do trabalho dos bombeiros militares em sua saúde, ainda há imprecisão na compreensão sobre como a atividade e a organização do trabalho afetam este profissional quanto ao espectro da saúde mental.

A Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida por Dejours a partir de 1980, busca entender não somente a relação do trabalhador com seu trabalho, mas como essa pessoa lida, individual ou coletivamente, com as provações geradas nesse contexto (DEJOURS, 2015). No processo dinâmico das transformações das relações e do trabalho, a teoria Psicodinâmica se molda, modifica o foco para acompanhar o desenrolar dos processos de saúde e adoecimento. Bueno e Macedo (2012) afirmam que atualmente a teoria da Psicodinâmica do Trabalho vem investigando a psicodinâmica do reconhecimento e sua relação com a construção da identidade dos trabalhadores, o reconhecimento do trabalho e a relação do trabalhador com o real do trabalho.

Alderson (2004) identifica três premissas teóricas da Psicodinâmica do Trabalho a serem observadas que permitem um melhor entendimento das dinâmicas entre o sujeito, o mundo do trabalho e o campo social e cujo equilíbrio é essencial para a saúde mental. A primeira premissa diz respeito ao que pode acontecer em contextos nos quais esse indivíduo tem espaço para contribuir com o social. Está relacionada com a realização pessoal e favorece a construção de identidade. A segunda premissa indica a importância da flexibilidade na organização do trabalho, da necessária margem de manobra entre o prescrito e o real, na qual o indivíduo é autorizado a colocar sua criatividade, sua expertise e, assim, ser auto desafiado a responder às demandas do real, a solucionar o que se apresenta a ele. O ponto determinante nesse aspecto é o acolhimento institucional da expressão e/ou concretização da inteligência humana e da engenhosidade. Novamente, a autonomia mostra-se positiva para construção da identidade e, conseqüentemente, promove a saúde mental. A terceira premissa teórica é o julgamento necessário do outro. Uma vez que a identidade está sempre em construção, ela precisa ser constantemente validada durante este processo e uma das maneiras pela qual isso acontece é através do olhar do outro, de seu julgamento. A teoria da Psicodinâmica do Trabalho pressupõe a existência de dois julgamentos (DEJOURS, 2011): o julgamento de beleza, que se dá entre os pares do trabalhador, quando são verificadas a conformidade do trabalho e o estilo do executor; e o julgamento de utilidade, que realizado por meio da hierarquia, tanto acima quanto abaixo

do indivíduo, ou por meio do cliente final, quando este tem valor na cultura institucional. Dessa maneira, quando o julgamento acontece de forma positiva, reafirma a identidade do trabalhador, favorecendo sua saúde mental. As três premissas colocam em evidência a importância da flexibilidade e da autonomia no contexto de trabalho, de maneira que o trabalhador, com aval da instituição, possa trazer ao exercício de seu ofício, algo de si e, por meio disso, se diferenciar dos demais, exercer sua singularidade e receber a validação, tanto de seus pares quanto na cadeia hierárquica, por suas contribuições e mobilização. A existência de tais premissas só pode ser apreendida a partir da experiência vivida no contexto de trabalho pelos trabalhadores, de modo que estes tornam-se os protagonistas e a fonte primeira de conhecimento, tanto da presença quanto da falta delas no processo saúde – adoecimento ao qual estão sujeitos.

O trabalhador, de acordo com Alderson (2004), teria a possibilidade de, através do sofrimento criativo, se mobilizar subjetivamente e transformar o sofrimento em prazer e, conseqüentemente, produzir saúde mental no trabalho. Ainda que o sofrimento engendre por uma via patogênica, não necessariamente haverá adoecimento, notadamente se o sujeito desenvolve estratégias defensivas para lidar com o sofrimento. Usadas de forma individual ou coletivamente, as estratégias defensivas são ferramentas que não agem sobre a fonte do sofrimento, mas na percepção do trabalhador, que passa a minimizar ou negar sua existência (DEJOURS, 2015). Esse exercício exige constante dispêndio de energia psíquica, o que pode resultar em esgotamento ou em comportamentos patológicos de negação da realidade. O fracasso em manter as estratégias defensivas resulta em danos psicossociais, preditores de adoecimento (FACAS, 2013). Neste cenário, o objetivo desta pesquisa foi descrever o modo como bombeiros militares capixabas concebem as relações entre saúde e trabalho, em aspectos da organização, das condições de trabalho e das relações socioprofissionais que vivenciam. Buscou-se, igualmente, identificar e descrever possíveis estratégias utilizadas por estes trabalhadores para evitar o sofrimento e intensificar o prazer durante o exercício profissional.

Método

Embora a Psicodinâmica do Trabalho sugira uma metodologia própria, baseada em entrevistas em grupo (DEJOURS, 2004), neste caso, por impossibilidade da dinâmica do trabalho dos bombeiros militares entrevistados, não se seguiu o modelo criado por Dejours (2004). Ainda assim, nos baseamos em Mendes e Vieira (2014) e no uso que propõem da Psicodinâmica do Trabalho como categoria teórico conceitual aliada a metodologias como produção e uso de inventários, entrevistas individuais e outros. Para responder ao objetivo proposto, uma entrevista semiestruturada foi formulada em torno de quatro temas, destacados pela primeira pesquisadora da fala cotidiana de alguns bombeiros militares capixabas com quem teve contatos profissionais prévios à pesquisa: 1 – Como é ser bombeiro? O que as outras pessoas não sabem sobre isso?; 2 – Corpo de Bombeiros; 3 – “Vidas alheias e riquezas salvar”; 4 – Segunda pele. A primeira pergunta é direta e abre espaço para aspectos relativos a identidade. A segunda pergunta, além de referir-se à instituição, poderia ainda suscitar o “espírito de corpo”, um dos valores militares. Sobre o modo como se define e estimula o “espírito do corpo” no mundo militar, na página virtual oficial do Exército Brasileiro encontra-se sua definição:

O espírito de corpo reflete o grau de coesão da tropa e de camaradagem entre seus integrantes e se exterioriza por meio de: canções militares, gritos de guerra e lemas evocativos; uso de distintivos e condecorações regulamentares;

irretocável apresentação e, em especial, do culto de valores e tradições de sua Organização Militar (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2019).

O terceiro tópico diz respeito ao lema adotado pelos corpos de bombeiros militares brasileiros: *Alienam Vitam et Bona Salvare!* (“Vidas Alheias e Riquezas Salvar!”). E por fim, o quarto tema proposto foi “Segunda Pele”, em referência ao simbolismo envolto no contexto militar, representado aqui, pelo uso da farda. Na página virtual oficial do Exército Brasileiro há uma referência que ilustra isso:

Esse é o uniforme que hoje nos distingue, refletindo o bom conceito da Instituição perante a nação e que evidencia a confiança que o País deposita no seu Exército. Como muito bem expressou o General Octávio Costa, “a farda não é uma veste que se despe com facilidade e até com indiferença, mas uma outra pele, que se adere à própria alma, irreversivelmente para sempre” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2019).

Antes do início da entrevista, os voluntários passaram por breve explanação sobre a pesquisa e foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após a leitura do documento. A realização desta pesquisa foi aprovada pelo Corpo de Bombeiros Militares do Espírito Santo (CBMES) e pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, sob o parecer nº3.344.305. Os participantes receberam os quatro temas impressos em cartões e foram orientados a discorrer sobre eles na ordem que desejassem. Desta maneira, no primeiro semestre de 2019, foram realizadas 10 entrevistas com bombeiros militares em atividade no Espírito Santo, sendo que destes: seis eram bombeiros e quatro bombeiras; três oficiais e sete praças; seis militares em funções de caráter administrativo e quatro em funções de caráter operacional. Essa diversificação de participantes foi proposital para buscar acessar os mais diversos tipos de vínculo e de trabalho dos profissionais. Para manter o sigilo nas transcrições dos trechos das entrevistas, utilizou-se caracterizar cada sujeito com um fonema do alfabeto fonético internacional.

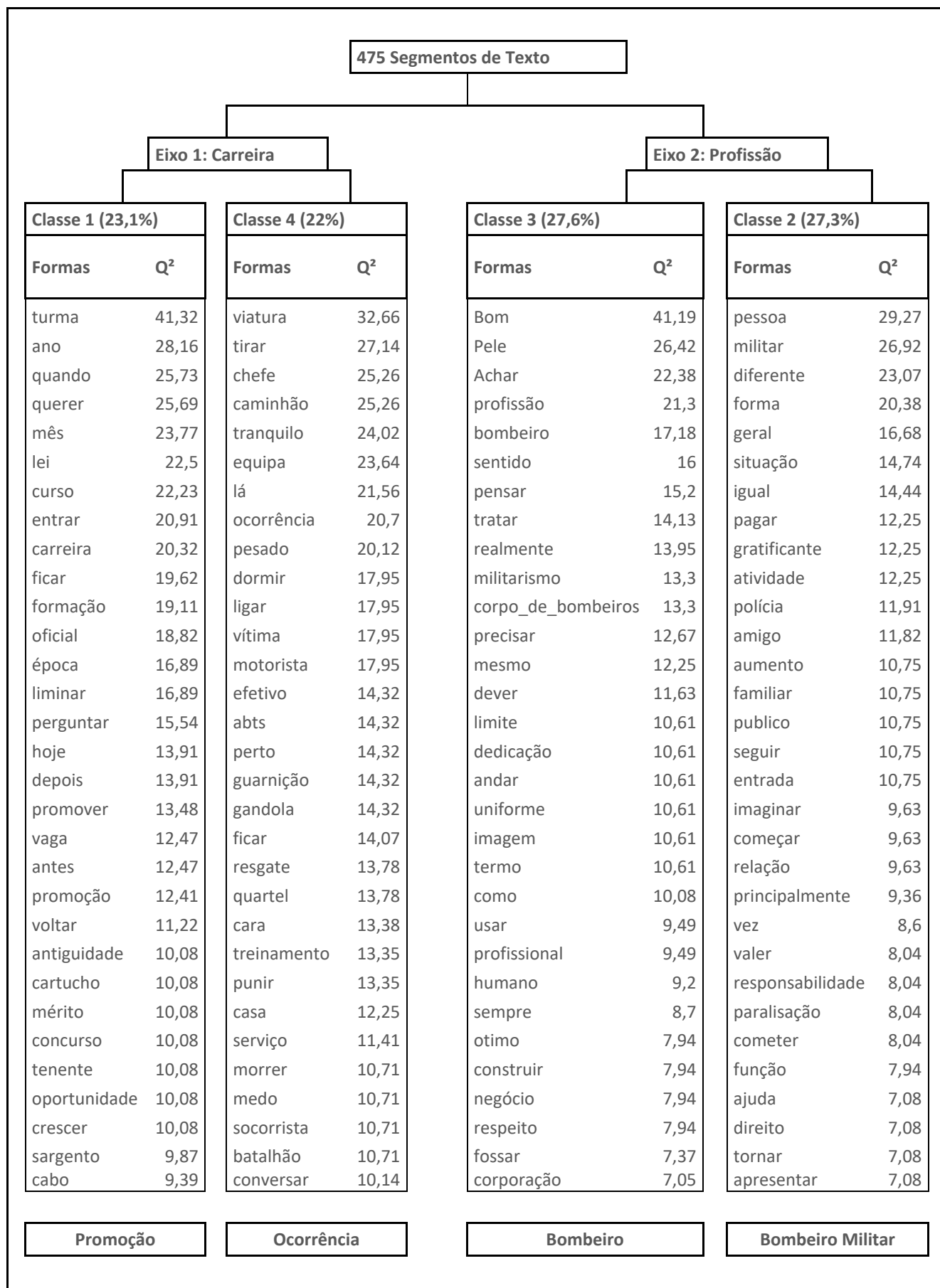
Resultados

Os dados produzidos durante as entrevistas foram transcritos e divididos de acordo com os temas que os evocaram, para gerar o corpus que passou pela análise lexical de conteúdo, realizada com auxílio do software Iramuteq. As variáveis descritivas usadas para classificar os respondentes foram: sexo; graduação; tipo de atividade. O corpus foi constituído por 10 textos, separados em 475 segmentos de texto (ST), dos quais 377 foram classificados (79,37% de aproveitamento). Emergiram 16390 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 2469 palavras distintas e 1318 hapax, ou seja, com uma única ocorrência. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) classificou os ST em dois eixos principais, cada um com duas classes: a classe 1, com 87 ST (23,1%), a classe 4, com 83 ST (22%), a classe 3 com 104 ST (27,6%) e a classe 2 com 103 ST (27,3%). A imagem a seguir, construída a partir do dendograma gerado, apresenta o panorama geral da disposição dos dados: ¹

\

1

Figura 1. Dendograma do corpus. Análise da Classificação Hierárquica Descendente. Fonte: a autora.



A primeira divisão do corpus separou os discursos dos entrevistados em um eixo (classes 1 e 4) composto de ST relacionados ao formato militar da carreira de bombeiro como forma de organização do trabalho e como isso molda a ascensão, as relações e inclusive a execução das atividades. Em outro eixo (classes 2 e 3), encontramos ST relativos ao que estes profissionais sentem pelo exercício de sua profissão e como constroem sua identidade. Assim, os eixos principais trazem como ideias centrais, respectivamente, “Carreira” e “Profissão”.

No primeiro eixo, a classe 1, denominada “Promoção” refere-se ao universo da carreira militar, é composta por 23,1% do corpus e traz em destaque palavras como “turma” ($x^2=41,32$; $p<0,0001$), “ano” ($x^2=28,16$; $p<0,0001$), “quando” ($x^2=25,73$; $p<0,0001$), “querer” ($x^2=25,69$; $p<0,0001$), “lei” ($x^2=22,5$; $p<0,0001$), “mês” ($x^2=23,77$; $p<0,0001$), “curso” ($x^2=22,23$; $p<0,0001$), “entrar” ($x^2=20,91$; $p<0,0001$), “carreira” ($x^2=20,32$; $p<0,0001$) e “formação” ($x^2=19,11$; $p<0,0001$). Engloba o formato pela qual as pessoas ingressam e ascendem na instituição, os processos internos e as referências de vínculo que são estabelecidas. Nas falas, é possível perceber como o modelo militar afeta os sujeitos após o ingresso na instituição. “Turma”, a primeira palavra que aparece nesta classe, pode ser entendida, nos discursos, com o sentido de referência e pertencimento mas, apesar de falar sobre isso, podemos também considerar que sobressaem mais os aspectos que se referem ao modo de funcionamento da carreira, às regras às quais os militares estão submetidos para promoção e a percepção de justiça que deriva desse processo. Falas que podem exemplificar esta classe são as seguintes:

(...) o espírito de corpo sinto e não sinto, acho que sinto mais não. Antes eu sentia mais, eu era mais inocente. É porque a gente entra paravidas_alheias_e_riquezas_salvar e quando chega aqui a gente vê que tem que ser promovido (...) (Bravo) e (...) tem que esperar 10 anos para ser sargento, tem que esperar 20 anos para ser subtenente, isso é péssimo porque valoriza muito a antiguidade e a pessoa quer crescer, mas fica travada na lei, e ao mesmo tempo que tem isso... (...) (Fox-trot).

Os militares, para entrarem na instituição, passam pelo curso de formação de oficiais (CFO) ou pelo curso de formação de soldado, o CFSd. São distribuídos em turmas e ao final, se aprovados, ingressam na carreira militar. Os alunos de cada turma são classificados de acordo com seu desempenho e, aqueles que forem mais bem classificados serão os que, na linguagem dos bombeiros, eles denominam de “mais antigos”. Essa classificação vai definir o menos pontuado como o mais novo daquela turma. A turma seguinte será mais nova em relação à anterior e mais antiga em relação à próxima a ser formada. A escolha de batalhão para trabalhar depende do número de vagas em aberto naquela graduação e normalmente são preenchidas considerando antiguidade como primeiro critério. Quando o assunto é promoção na carreira, antes mesmo da antiguidade há o fator tempo: um soldado não pode obter a promoção e ascender ao posto de cabo antes de cinco anos de atividade, assim como um cabo não pode ser promovido à sargento antes de dez anos de serviço, e assim por diante. Existindo o tempo mínimo necessário, há que se verificar a Classificação do Comportamento do militar: o mínimo exigido para estar habilitado ao curso de formação pretendido é “bom”. Ainda é preciso verificar se a pessoa responde algum processo administrativo, se possui títulos acadêmicos e, somente depois disso tudo, será seguida a lista de antiguidade (Lei Complementar n. 911, 2019). Nas ST pertencentes à classe 1, é perceptível que os bombeiros estão insatisfeitos com o plano de carreira, manifestando ressentimentos, sentimento de injustiça e de falta de oportunidades que priorizem o desempenho ao invés do tempo. Esse cenário afeta as

perspectivas para o futuro profissional e passa a ser entendido, nas falas, como um dos motivos do esvaziamento do quadro de pessoal:

(...) vai gente embora por aposentadoria, vai gente embora, embora mesmo, vai gente embora porque passou em outro concurso... é isso aí: camarada com mais de quatro anos só fala nisso, que está estudando para passar em outra coisa (...) (Alfa.).

A classe 4, denominada “Ocorrência” agrupa palavras relacionadas com o cotidiano, com a execução da atividade, vivências concretas e subjetivas, tudo isso permeado pelo conjunto de regras e *modus operandi* do ordenamento militar. Reúne 23% do corpus e congrega termos como “viatura” ($x^2=32,66$; $p<0,0001$), “tirar” ($x^2=27,14$; $p<0,0001$), “chefe” ($x^2=25,26$; $p<0,0001$), “caminhão” ($x^2=25,26$; $p<0,0001$), “tranquilo” ($x^2=24,02$; $p<0,0001$), “equipa” ($x^2=23,64$; $p<0,0001$), “lá” ($x^2=21,56$; $p<0,0001$), “ocorrência” ($x^2=20,7$; $p<0,0001$), “pesado” ($x^2=20,12$; $p<0,0001$), “dormir” ($x^2=17,95$; $p<0,0001$), “vítima” ($x^2=17,95$; $p<0,0001$). “Viatura” é a palavra com maior representatividade nesta classe e, nos discursos, aparece de forma geral, como instrumento de trabalho em casos de resgate de vítimas e necessidade de assistência pré-hospitalar (APH). “Caminhão” é o veículo com grande capacidade de armazenamento de água. A “ABTS” – auto bomba tanque salvamento – é o automóvel para combate a incêndio que também transporta ferramentas e equipamentos para outras demandas, como resgates e desencarceramento de pessoas em veículos. O vocábulo “tirar” (retirar) surge fortemente relacionado ao termo “vítima”. “Tranquilo”, aqui está relacionado a plantões de serviço e locais de trabalho, nos quais os trabalhadores não precisam dispender muitos recursos cognitivos e/ou emocionais, mostrando senso de autopreservação.

O Corpo de Bombeiros trabalha com normas e técnicas que devem ser seguidas e utilizadas nas diversas situações que são apresentadas. As falas analisadas trazem isso quando confrontam o prescrito do trabalho com o real da atividade, principalmente diante das adversidades como falta de pessoal e dificuldade de relações interpessoais no trabalho. Trazem as responsabilidades de cada membro das equipes na execução das atividades operacionais, o rodízio das funções e as preferências dos trabalhadores entre umas ou outras. A sobrecarga de trabalho também é nítida nos relatos. Neste cenário, a maneira como o cumprimento das regras é conduzido tem impacto direto no trabalhador. As exigências além do previsto, a possibilidade de negociar em qual função vai ficar em cada plantão, enfim, o olhar humano da gestão diante do bombeiro, pode trazer motivação para a atividade ou fomentar um sentimento de diferenciação, injustiça e desvalorização, como nas falas a seguir: (...) então, o cara fala para ver se não tinha um erro, para achar um sangue na viatura, para ficar culpando a equipe que estava saindo de serviço, e tinha um clima ruim também com a gente que é de Vitória (...) (Bravo.).

A frase seguinte expressa um sentimento de injustiça, inflexibilidade e desvalorização do trabalhador em favor da norma:

(...) de camisa vermelha e essa ocorrência era um caminhão tombado na BR: carga, vítima embaixo do caminhão com carga, e esse sargento foi punido por isso, porque tiraram uma foto dele e estava sem a gandola, e aí eu sinto um pouco isso, às vezes (...) (Golf.).

A maior parte das ST se referem às regras e normas e trazem uma conotação negativa, no sentido de excesso e inflexibilidade. O bombeiro militar entende a norma, no entanto, entende também que ela poderia ser flexibilizada em situações excepcionais. No desabafo, o profissional chama

para si o reconhecimento de sua humanidade: “(...) a gente não é máquina para ficar no sol quatro horas direto sem poder tirar uma gandola no momento que você pode tirar (...)” (Golf.). Por outro lado, alguns quartéis têm adotado novas formas de gestão das pessoas, mostrando que pode ser diferente: “(...) por exemplo, onde eu trabalho a gente conversa bem, então eu sou o motorista do caminhão porque eu gosto, mas é conversado sobre como é que estamos no dia, se estamos bem tranquilos (...)” (Echo.). Nesta classe, as dificuldades apresentadas refletem a organização do trabalho e os prejuízos físicos, cognitivos e emocionais que podem advir das exigências da profissão, vez que “(...) pode ser um serviço tranquilo, como pode ser um serviço com ocorrência dos mais diversos tipos. Serviço passado o rapaz ficou soterrado, então foi um resgate delicado (...)” (Hotel.), e os coloca a agir independentemente do contexto, neste caso, durante a paralisação da Polícia Militar em 2017: “(...) eu fui no resgate, a gente foi lá no Vila Graúna no meio do tiroteio tirar o cara, sem apoio, porque mandaram a gente ir (...)” (Echo.). Seja pelo efetivo reduzido, pelo trabalho emergencial de complexidade variada, pelo modelo de gestão adotado em cada quartel, enfim, cada trabalhador tem que lidar com esses fatores no cotidiano do seu trabalho.

A classe 3, que compõe o segundo eixo do dendograma juntamente com a classe 2, reúne 27,3% dos termos do corpus. Nomeada “Bombeiro”, traz uma reflexão sobre prós e contras de ser bombeiro. As palavras que se destacaram nesse contexto foram “bom” ($x^2=41,19$; $p<0,0001$), “pele” ($x^2=26,42$; $p<0,0001$), “achar” ($x^2=22,38$; $p<0,0001$), “profissão” ($x^2=21,3$; $p<0,0001$), “bombeiro” ($x^2=17,18$; $p<0,0001$), “sentido” ($x^2=16$; $p<0,0001$), “pensar” ($x^2=15,2$; $p<0,0001$), “tratar” ($x^2=14,13$; $p<0,0001$), “realmente” ($x^2=13,95$; $p<0,0001$), “militarismo” ($x^2=13,3$; $p<0,0001$). A palavra que mais se destaca aqui é “bom”, que na maior parte dos discursos, está em concordância com sentimentos relativos à profissão e às atividades. Nas falas, os militares distinguem bem o prazer que tem na atividade de bombeiro do funcionamento da organização e, inclusive do regime militar. Um dos ST que transmitem a ideia desta classe é o seguinte:

(...) aqui dentro pesa muito mais ser militar que realmente ser bombeiro. A função de bombeiro, nossa função técnica é boa, ótima, muito boa. As técnicas de incêndio, de salvamento em altura, terrestre e o exercício da profissão é muito bom (...). (Índia.).

“Pele” vem de “segunda pele”, um dos quatro temas propostos nas entrevistas que geraram o corpus analisado. Trata-se de uma expressão que os militares dizem em referência à farda, no sentido de, uma vez que se tornou militar, não haver uma desvinculação entre trabalho e vida pessoal; de serem bombeiros 24 horas por dia, independentemente de hora e lugar: “(...) então, a segunda pele não sai, você carrega, é como se fosse uma marca registrada que as pessoas logo sabem: opa, é bombeiro. Tem hora que a sensação é boa, tem hora que é ruim (...)” (Hotel.). Nesta classe, os bombeiros apontam que há pontos negativos em seu contexto laboral, como o assédio às mulheres, excessos por parte de gestores, sobrecarga de trabalho, indissociabilidade entre trabalho e vida pessoal etc. Ainda assim, reafirmam o gosto pela profissão: “(...) um dos contras eu já falei, o outro contra é ser mulher aqui dentro: o assédio é alto, não é muito escancarado não, mas o assédio é alto, mas eu acho que no fim é bom ser bombeiro (...)” (Fox-trot.).

Em muitos trechos fica claro a satisfação pelo exercício da profissão, seja na identificação com os valores de ajudar ao próximo, seja pelo acesso ao conhecimento técnico incomum à grande maioria da população e, principalmente, pelo reconhecimento daqueles a quem atendem. Devido a isso, é possível perceber alguns elementos que foram abordados nas classes

anteriores, mas que aqui, surgem como exemplificações dos equacionamentos sobre ser bombeiro. Neste levantamento de prós e contras é interessante observar que, dentre os pontos negativos, aparece também um desapontamento com a população, que não compreende que o contexto dos bombeiros militares traz especificidades, que esta profissão não é como muitas outras: “(...) o que as pessoas não sabem sobre isso é que, eu penso, que muita gente acha que a profissão de bombeiro é uma profissão comum, corriqueira, como se fosse uma profissão qualquer (...)” (Alfa.). Outro segmento que acompanha este raciocínio é: “(...) acho que muita gente não sabe o que a gente realmente faz, a real função do bombeiro. Muitos aqui dentro definem que o que mais ninguém quer fazer, a gente faz: se fosse fácil outro órgão faria (...)” (Delta.).

Dentre os aspectos positivos, um que traz satisfação aos bombeiros é o conhecimento técnico, conquistado através de cursos de especialização em áreas como altura, mergulho, incêndio, condução de caminhão etc. Outro ponto bastante mencionado é a imagem perante a sociedade: “(...) bom, eu faço parte do Corpo de Bombeiros há 29 anos e, para mim, minha profissão sempre foi motivo de grande orgulho, em uma instituição muito reconhecida pela população e sempre me deu muito orgulho fazer parte (...)” (Charlie.). Embora os entrevistados apreendam o desconhecimento da população acerca da profissão, percebem que a imagem externa da instituição é fortemente positiva, inclusive em analogia com o herói, figura sobre-humana que age para salvar pessoas. Mesmo sendo gratificante, é perceptível a eles também que alguma parte disso se trata de uma representação social: “(...) sou eu mesmo, do mesmo jeito, com a camiseta que era meu uniforme, já virei herói. Não fiz nada. Na polícia fiz muita coisa, mas sempre fui bandido. No Bombeiros, virei herói (...)” (Juliet.).

Por fim, a classe 2, “Bombeiro Militar”, refere-se à construção de uma identidade por meio do sentimento de diferenciação que os bombeiros militares expressam, principalmente por causa das especificidades que o regime de trabalho impõe e das exigências da profissão em relação aos civis. Ainda dentro do regime militar, se percebem diferentes dos colegas policiais através do reconhecimento e do valor que a população lhes atribui. Esta classe é composta por termos como “pessoa” ($x^2=29,27$; $p<0,0001$), “militar” ($x^2=26,92$; $p<0,0001$), “diferente” ($x^2=23,07$; $p<0,0001$), “forma” ($x^2=20,38$; $p<0,0001$), “geral” ($x^2=16,68$; $p<0,0001$), “situação” ($x^2=14,74$; $p<0,0001$), “igual” ($x^2=14,44$; $p<0,0001$), “pagar” ($x^2=12,25$; $p<0,0001$), “gratificante” ($x^2=12,25$; $p<0,0001$), “atividade” ($x^2=12,25$; $p<0,0001$). “Pessoa” é o termo em destaque, representa “o outro”. Os entrevistados o usaram em muitas ocasiões para referir majoritariamente, à população em geral, embora também tenha aparecido em algumas situações para falarem da população atendida pelos bombeiros e de outros colegas. “Militar” aparece como condição, regime ao qual estão vinculados; daí vários trechos nos quais falam das diferenças em relação à situação laboral das outras “pessoas”: “(...) a gente não tem sindicato, não tem direito a greve, não tem hora extra, não tem FGTS, não tem seguro desemprego... então, às vezes a pessoa quer colocar a gente, militar, de forma geral, numa escala igual (...)” (Alfa.). As falas desta classe, em geral, refletem a visão de um público externo sobre eles e sua profissão, abrangendo a diferenciação profissional em duas vertentes: a primeira, em relação aos civis e a segunda, em relação a outros militares, neste caso, policiais.

De acordo com as ST, os bombeiros militares capixabas entendem que a população acredita que eles possuem os mesmos direitos trabalhistas que os civis, os mesmos benefícios, e que o trabalho se encerra ao final do expediente. Então, os profissionais criticam esse ponto de vista porque não reflete a realidade deles, os regramentos e os percalços a que estão sujeitos enquanto profissionais servidores públicos militares que atendem situações emergenciais. Normalmente, ao falar sobre militarismo, expressam ter

menos direitos que os civis e um regime de trabalho mais rígido. Das 25 ocorrências do vocábulo “militar”, 18 estão nesta classe. A palavra “diferente” também se destaca: aparece 11 vezes em todo corpus analisado, apresentando aqui, 10 ocorrências. Faz referências às especificidades do regime militar, no entanto, isso fica mais acentuado em consonância com o vocábulo “forma”, que, na maioria dos trechos em que aparece, acentua essa percepção de diferenciação a que os bombeiros estão sujeitos devido a profissão e ao contexto de trabalho. Por outro lado, a diferenciação com os policiais militares se apresenta não como oposição, mas em comparação, ressaltando que a população tem melhor conceito, e conseqüentemente maior empatia, pelos bombeiros: “(...) olhar para um bombeiro é diferente de olhar para um policial militar. Polícia tem uma função mais coercitiva e o bombeiro não, o bombeiro tem a tendência de querer ajudar (...)” (Alfa.). O profissional bombeiro militar se afirma diferente do trabalhador civil por causa do regime ao qual está vinculado, mas isso não parece suficiente para definir uma identidade porque, dentro desse regime, ele também se refere diferente do policial militar, por ter maior aceitação e reconhecimento por parte da população que atende, ou seja, as duas referências se mostraram relevantes nesta classe. Na análise do corpus, a linha que diferencia a carreira militar da profissão de bombeiro é bastante tênue, muitas vezes indistinguível. No Brasil, todos os Corpos de Bombeiros são militares, há poucos bombeiros civis, espalhados em locais como shoppings e afins. Por isso, é preciso cautela ao fazer as análises, para entender o que é da profissão e o que é reflexo do regime de trabalho:

(...) muitas vezes é uma coisa meio difícil de distinguir, eu nunca fui bombeiro sem ter sido militar se eu já tivesse sido bombeiro em algum outro lugar do mundo que não tivesse tido esse peso militar de hierarquia igual se tem aqui não sei se essa experiência poderia ter sido diferente (...) (India.).

Discussão

Na análise dos discursos, ficou explícito que o ordenamento militar impõe um conjunto de regras que vão permear os trabalhadores, desde seu ingresso na instituição, durante a carreira, na vida pessoal e que ainda reverberarão após a ida para a reserva remunerada. Esse foi um ponto comum entre todas as classes geradas na CHD. É possível perceber como os aspectos organizacionais e as condições de trabalho afetam os trabalhadores e fazem com que eles adaptem formas para trabalhar e se relacionar neste ambiente. No entanto, isso não extingue necessariamente, a percepção de injustiça. O exposto fica claro quando analisamos o processo de promoção na carreira: os critérios estabelecidos estimulam a competitividade de tal forma que chega a prejudicar as relações interpessoais. Em “Addendum”, Dejours (2011) traz que a competitividade é um dos principais processos que contribuem para o desmantelamento dos coletivos e, conseqüentemente, aumenta as possibilidades de processos psicodinâmicos que produzem mais defesas coletivas que saberes e regras de ofício, aumentando, assim, a possibilidade de se encontrar pessoas com sofrimento patogênico. Portanto, o problema da competitividade entre trabalhadores que dependem de confiança entre pares pode ser um risco à saúde e à qualidade do trabalho e à segurança das operações.

As falas que denotam a precariedade de recursos nos permitem concluir que a esse trabalhador tem se exigido muito, o que, segundo os trabalhadores, prejudica a manutenção de um processo de saúde. Esses resultados são consoantes com Mata, Pires e Bonfatti (2017), que também concluíram que as condições de trabalho, quando precárias, podem afetar a saúde física e psicológica dos trabalhadores. As exigências que os trabalhadores indicam para realizar seu trabalho na presente pesquisa

parece encontrar semelhança em outros trabalhos, como o de Natividade (2009) que sugere a existência de percepção de realização profissional por parte destes trabalhadores, apesar da falta de condições para seu exercício em relação a aspectos organizacionais.

Ainda que não tenhamos realizado pesquisa que permita afirmar a existência de sistemas coletivos de defesa, podemos apresentar a hipótese de que alguns discursos podem estar operando como estratégias coletivas de defesa, dada sua recorrência entre os trabalhadores e a função justificadora de seu uso durante os relatos. A possível estratégia de defesa coletiva que mais se destaca parece consistir em encarar o trabalho como missão e colocar o foco em atender as necessidades da população. Transformar o trabalho em missão pode ser entendido como uma forma de destituir o lugar do desejo nas tomadas de decisão, ou seja, para que o militar se entregue ao cumprimento daquilo que lhe foi proposto sem se questionar, visando o fim, a conclusão da tarefa. Esse discurso é bastante recorrente e parece estar sendo utilizado para minimizar o mal-estar gerado pela carga que é exigida deste profissional no cumprimento de seu trabalho, colocando no usuário final a razão de seu esforço. O foco na população também retira o peso do reconhecimento institucional e transfere para o público atendido o julgamento de valor dos serviços prestados. Esse reconhecimento, vivenciado cotidianamente, tem sido validado nacionalmente via Índice de Confiança Social (2018), índice que mede o grau de confiança da população brasileiras nas instituições públicas.

Dada a importância desse reconhecimento para esses trabalhadores, reforça-se seu uso como estratégia de defesa, pois mesmo num ambiente de relações socioprofissionais fragilizadas, os entrevistados afirmaram que, havendo a ocorrência, tudo é deixado de lado, inclusive quaisquer desavenças que houver. Propõem-se a manter a atenção na pessoa que precisa ser atendida e reconhecem que, de fato, acontece desta maneira. Algumas pesquisas acerca de saúde dos bombeiros militares apontam que a falta de reconhecimento pode desencadear sofrimento para o trabalhador e afetar a sua saúde (SOUZA; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2017). Agarrar-se nesse tipo de reconhecimento social, ou de utilidade, surge como outro indício de sua função como estratégia coletiva (DEJOURS, 2011).

Os cursos dos quais participam, as técnicas estudadas e desenvolvidas, as especializações e os treinamentos realizados abrem espaço para a diferenciação entre pares, devido ao aumento do repertório de respostas frente a situações inesperadas. Esse movimento é legitimado pela instituição quando, em uma situação cotidiana de trabalho, o militar que possui um conhecimento específico é chamado por seu chefe a analisar a situação e apontar a melhor maneira de proceder. Nestas oportunidades também podem ocorrer os julgamentos de beleza e de utilidade, importantes no processo de saúde mental (DEJOURS, 2014): “(...) então tem **hora** que o **chefe** da **equipe** procura ouvir quem tem mais experiência porque às **vezes** pode ter uma situação que ele não enxergue que pode trazer risco não só para **vítima** mas também para a **guarnição** “(...) (Hotel.).

De forma mais clara, e relacionando as análises com o exposto anteriormente sobre o trabalho de Alderson (2004) em referência às três premissas em Psicodinâmica do Trabalho cujo equilíbrio é indispensável para a saúde mental, podemos concluir que: na formação da identidade do bombeiro militar, este profissional alcança a primeira premissa ao exercer uma profissão que contribui com a sociedade quando ela está em acordo com seus valores pessoais. Encontramos a expressão deste sentimento em diversos ST, mais evidente na classe 3. A segunda premissa, que se refere à flexibilidade no ambiente de trabalho e auto desafio intelectual, tem plena possibilidade de realização devido ao universo técnico do CBMES. No entanto, apenas alguns quartéis e alguns gestores abrem espaço para o profissional exercer esse viés. Não ficou claro, nas falas, o motivo pelo qual

isso não é ampliado. Ainda sobre a limitação dessa flexibilidade, podemos inferir que quando o profissional aumenta o foco no cumprimento de sua missão em detrimento de quaisquer autocríticas, ele está, via estratégia defensiva, tentando anular a falta desta premissa. Por fim a terceira premissa, que trata do julgamento necessário do outro quanto à conformidade e estilo do executor, parece que ela não tem sido observada internamente pelos militares, haja vista o disposto na classe 4.

Enfim, os resultados da pesquisa sugerem que o processo psicodinâmico de construção da identidade tem se amparado, muito fortemente, em delegar à população, via mecanismo de defesa, o papel de principal agente de reconhecimento, como relatado anteriormente. Esse aspecto, aliado ao frequente relato de competitividade entre os bombeiros militares, aumenta o indício da fragilidade das relações profissionais desses trabalhadores, e principalmente dá indícios de possíveis sofrimentos patogênicos sendo gestados no seio dessa profissão. Assim, através dos relatos, podemos inferir que a organização do trabalho mostra ter maior influência na saúde dos bombeiros militares capixabas. Isso, em coadunação com a teoria Psicodinâmica, nos permite entender que, em se tratando de uma profissão cujo exercício se funde à identidade de quem a exerce, torna-se indispensável que o ambiente laboral propicie a este indivíduo exercer sua individualidade, para que o sofrimento criativo possa encontrar uma via de produção de prazer no trabalho e fomenta o desenvolvimento de um processo de saúde.

Considerações Finais

Esta pesquisa abordou de maneira ampla a percepção de bombeiros militares capixabas acerca de sua carreira e profissão. Embora o estudo tenha alcançado seus objetivos, é possível levantar a hipótese de enviesamento devido ao método de captação de participantes, o convite, que pode ter trazido pessoas com potencial maior para críticas e insatisfação, assim como, com maior amor pela profissão. Seria interessante a investigação nos outros estados brasileiros dos aspectos aqui estudados, de maneira a compreender os diferentes contextos de cada instituição e o reflexo na saúde de seus profissionais. O reconhecimento de aspectos facilitadores do processo de saúde mental no trabalho de instituições similares possibilita que eles sejam mais facilmente replicados.

Sobre o artigo

Recebido: 30/08/2019

Aceito: 24/10/2019

Referências bibliográficas

ALDERSON, M. **A psicodinâmica do trabalho: objeto, considerações epistemológicas, conceitos e premissas teóricas.** Santé mentale au Québec, 29 (1), 243-260. Disponível em <<https://doi.org/10.7202/008833ar>>. 2004. Acesso em 22 mar 2019.

BUENO, M.; MACÊDO, K. B. A. Clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. **ECOS**, v. 2, n. 2. Disponível em: <www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/download/.../723>. 2012. Acesso em 08 maio 2018.

DEJOURS, C. Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LACMAN, S.; SZNELWAR, L. (Org.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15; Rio de Janeiro: Fiocruz p. 57-123. 2011.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 6. ed. São Paulo: Cortez-Obore, 2015.

DEJOURS, C. A metodologia em psicopatologia do trabalho. In: Lancman, S., Sznelwar, L.. **Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz Brasília: Paralelo 15, p. 105-126. 2004.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Valores militares**. Disponível em: <http://www.eb.mil.br/valores-militares>. Acesso em 23 mar 2019.

FACAS, E. P. **Protocolo de avaliação dos riscos psicossociais no trabalho** – contribuições da psicodinâmica do trabalho. Tese de Doutorado, Programa de Pós- Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília – DF. 2013.

IBOPE INTELIGÊNCIA. **Índice de Confiança Social 2018**. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/confianca-do-brasileiro-nas-instituicoes-e-a-mais-baixa-desde-2009/2018>>. Acesso em 20 abr 2019.

LEI COMPLEMENTAR N.911 de 26 de abril de 2019. Dispõe sobre a promoção das Praças e dos Oficiais dos quadros de Oficiais de Administração da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo – PMES e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo – CBMES. 2019.

MATA, N. T., PIRES, L. A. A., BONFATTI, R. J. Bombeiros militares: um olhar sobre a saúde e violência relacionados com o trabalho. **Revista Saúde Debate**, 41, (112), 133-141. 2017.

MENDES, A. M., VIEIRA, F. O. Diálogos entre a psicodinâmica e clínica do trabalho e os estudos sobre coletivos de trabalho e práticas organizacionais. **Farol: revista de estudos organizacionais e sociedade**. Núcleo de estudos organizacionais e sociedade: FACE/UFMG, Belo Horizonte, (1): 144-189. 2014.

NATIVIDADE, M. R. Vidas em risco: a identidade profissional dos bombeiros militares. **Revista Psicologia & Sociedade**; 21 (3): 411-420. 2009.

SOUZA, K. M. O., AZEVEDO, C. S., OLIVEIRA, S. S. A dinâmica do reconhecimento: estratégias dos Bombeiros Militares do Estado Rio de Janeiro. **Revista Saúde Debate**, 41 (n. especial), 130-139. 2017.